

Lições ensinadas, lições memorizadas: Joaquim Manoel de Macedo e a Guerra do Paraguai

ANA PAULA SQUINELO¹

O episódio denominado oficialmente no Brasil como Guerra do Paraguai, ocorrido entre os anos de 1864 e 1870, envolvendo o Império brasileiro, Uruguai, Paraguai e Argentina legou inúmeras transformações sociopolítica, culturais e econômicas para as nações protagonistas.

Em especial para o Império Brasileiro esteve relacionado entre outras questões ao fortalecimento do Exército, a abolição da escravatura e consequente Proclamação da República; a necessidade da construção de uma Identidade Nacional para um país que alterava seu *status quo* fez com que a Guerra do Paraguai fosse escolhida por alguns autores como um dos eventos da história nacional a ser elencado na elaboração de uma nova narrativa histórica que se configurava pós-monarquia.

Narrativa essa que buscou legitimar uma história oficial e privilegiar os novos atores que se destacavam no contexto republicano; vale ressaltar que essa escrita da história buscou evidenciar nomes, datas, eventos, fatos e episódios que pudessem atestar o novo regime.

Um dos autores que abordaram a temática da Guerra do Paraguai nesse contexto foi Joaquim Manoel de Macedo em sua clássica obra *Lições de Historia do Brasil*. A primeira edição consta de 1861 e de acordo com Gasparello foi o 1. Livro de História do Brasil publicado para os alunos do Colégio de Pedro II. (GASPARELLO, 2004, p. 235)

Cronologicamente na referida edição não seria possível constar uma Lição sobre a Guerra do Paraguai e ainda constitui-se interesse dessa pesquisa² averiguar as edições posteriores com o intuito de identificar a partir de qual publicação as Lições sobre a Guerra do Paraguai foi incorporada a obra.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Curso de História-CPAQ. Doutora pela Universidade de São Paulo.

² Este trabalho insere-se em um Projeto de Pesquisa em andamento que analisa a questão da formação da Identidade Nacional brasileira através de manuais didáticos de fins do século XIX e meados do XX que tem com eixo norteador a Guerra do Paraguai.

Trabalho, portanto com a 10. edição completada de 1823 a 1905 por Olavo Bilac e publicada pela H. Garnier, Livreiro-Editor em 1907.

Joaquim Manoel de Macedo dedicou a esta temática as Lições XLIII (Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay. A intervenção de Solano Lopez. – Tratado da Triplice Aliança), XLIV (Guerra com o Paraguay. Desde a assignatura do Tratado da Triplice Aliança até a Batalha de Curupaity), XLV (Guerra com o Paraguay. Da batalha de Curupaity até a tomada de Assumpção), XLVI (Guerra com o Paraguay. Desde a tomada de Assumpção até a terminação da Guerra) e XLVII (Da terminação da Guerra do Paraguay até a ultima regencia da Princesa D. Isabel), totalizando 34 (trinta e quatro) páginas.

Cada Lição caracteriza-se por uma narrativa factual, linear e acontecimental dos fatos abordados, evidenciando assim um enfoque nos eventos e estratégias militares e diplomáticas, na intervenção e atuação dos personagens históricos, assim como a referência as datas e aos feitos militares.

As Lições são seguidas por um Quadro Synoptico que enfoca 4 (quatro) tópicos: personagens, attributos, feitos e acontecimentos e datas. Após o Quadro Synoptico apresentam-se Perguntas relacionadas ao conteúdo abordado.

De acordo com Gasparello:

Essa organização da obra, que apresenta uma forma especial de estruturação do texto, constitui uma originalidade no livro didático, que ao mesmo tempo apresenta o texto escrito e a forma de ensinar. Com Macedo ficam reunidos, no compêndio, as práticas dos principais agentes desse processo: ao que ensina, oferece o texto, que lê ou faz ler; ao aluno, oferece um caminho para aprender, com a síntese em quadros explicativos. Servia, assim, a professores e alunos: ao mestre, ensina o ofício; ao aluno, ensina memorizar. (GASPARELLO, 2004, p. 132)

Os Quadros elaborados por Macedo tem como objetivo a sistematização do assunto estudado pelo aluno, entretanto vale ressaltar que a forma como esses são apresentados alicerçam-se em uma concepção metódica do aprendizado em história na qual é relevante que o aluno memorize nomes, feitos, acontecimentos e datas históricas.

Ainda sobre os Quadros Synopticos, a estudiosa Gasparello reforçou que são: “[...] repleto de nomes e datas, deveria ser reproduzido ‘de cor, na pedra ou no papel’, do que resultaria gravar na ‘memória toda a história estudada’”. (GASPARELLO, 2004, p. 132)

Nessa concepção de ensino de história expressa nos Quadros Synopticos o aluno não se enxerga como parte ou como sujeito da história e, sim a história como algo externo a ele e produzida por grandes homens que merecem que seus feitos sejam estudados e compreendidos.

No que tange a seção das Perguntas essas são elaboradas de forma que o aluno memorize e sintetize os conteúdos abordados; são apresentadas de forma direta, objetiva e não leva o aluno ao ato de refletir, analisar, comparar, interpretar e produzir conhecimento. Reportam-se ao aluno com as expressões: qual, que, quem, o que, como, a quem, quando... e não com verbos como analisar, explicar, justificar e comparar...

Em relação ao conteúdo sobre a Guerra do Paraguai em seus diversificados e diferenciados aspectos Macedo apresentou-se com um homem do seu tempo; registrou uma narrativa da guerra em consonância com a produção historiográfica brasileira que caracterizou a escrita sobre o conflito desde o seu término até meados do século XX.

Nesse sentido, por exemplo, ao explicar os motivos que levaram a eclosão do conflito platino o autor das *Lições* eximiu-se de explicar o contexto sociopolítico e econômico que se configurou na região Platina no âmbito da guerra. Questões relacionadas a livre navegação do Prata, bem como a definição de fronteiras entre os países platinos não foram abordadas; para Joaquim Macedo a Guerra do Paraguai eclodiu

De facto, a 12 de novembro de 1864, quando o paquete brasileiro Marquez de Olinda, nas águas do rio Paraguay, seguia viagem de Assumpção para Matto Grosso, levando a bordo o coronel Francisco Carneiro de Campos, presidente d'essa província brasileira, - foi esse paquete mercante detido e aprisionado pelo vapor de guerra paraguayo Tacuary. Reconduzido a Assumpção, o Marquez de Olinda foi cercado por uma esquadilha de embarcações artilhadas. Foram presos todos os seus passageiros, tendo o

governo do Paraguay confiscado todos os valores e documentos que havia a bordo, inclusive a somma de quatrocentos contos de réis em papel-moeda.

[...]

Estava, assim, declarada a guerra entre o Paraguay e o Brasil. (grifo nosso).

(MACEDO, 1907, p. 393-4)

No Quadro Synoptico relaciona-se a esse conhecimento o personagem Francisco Solano Lopez, Presidente do Paraguay, como o personagem que mandou aprisionar o paquete Marquês de Olinda o que veio ocasionar a Guerra e, na seção das Perguntas o aluno tem que responder “Que aconteceu ao paquete mercante *Marquez de Olinda*? Quem viajava nesse paquete? Qual foi o resultado da captura do paquete?” (MACEDO, 1907, p. 399)

Expressa assim uma vertente explicativa da guerra calcada em causas e consequências; ao educando resta memorizar que a Guerra do Paraguai ocorreu em função do aprisionamento do paquete Marquês de Olinda.

Interessante pontuar ainda o tratamento que é dispensado ao líder guarani Solano Lopez. Em um momento Macedo afirmou no contexto das invasões brasileiras ao Uruguai que Lopez ofereceu-se para mediar a relação entre os dois países e que ao ser recusado:

Lopez enviou ao governo do Brazil, em 30 de agosto de 1864, uma nota insolente, comunicando considerar a ocupação do Estado Oriental como um attentado contra a independência d’essa nação, e como um perigo para o Paraguay. A 3 de setembro, outra nota, igualmente desabrida, confirmava esse protesto, e declarava que iam tornar-se effectivas as ameaças anteriormente feitas. (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 393)

Em outro trecho Joaquim Macedo incorporou a sua escrita a alcunha de “ditador” a Solano Lopez ao explicar que:

Em janeiro de 1865, o dictador paraguayo pedira a D. Bartolomeu Mitre, então presidente da Republica Argentina, auctorisação para que suas forças,

destinadas á invasão do Rio Grande do Sul, pudessem atravessar o território d'aquella Republica. [...]. (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 395)

No Quadro Synoptico o aluno sistematiza que Francisco Solano Lopez “Envia ao mesmo governo um *ultimatum* insolente. 3 de setembro ... 1864” (MACEDO, 1907, p. 397); e, ao estudante é dirigido as seguintes questões: “Quem era Francisco Solano Lopez? Que queria elle, desde o começo da guerra? Qual o teor das duas *notas*, que dirigiu ao governo do Brasil?” (MACEDO, 1907, p. 399)

As Lições de Macedo no que se refere à Guerra do Paraguai são divididas de acordo com as fases do conflito e recebem especial atenção as batalhas que caracterizaram cada uma dessas etapas. Batalhas como as de Curupaiti, Riachuelo, Passo da Pátria, Tuitiu, Curupaiti e a “dezembrada”: Itororó, Avahy, Lomas Valentinas e Angostura foram explicadas, assim como a tomada de Assunção e a morte de Francisco Solano Lopez em Cerro Corá.

Tais batalhas foram analisadas e apresentadas aos alunos explicitando seu conteúdo militar: as estratégias e táticas de guerra empregadas no teatro de operações, os exércitos envolvidos, número de soldados que protagonizaram, militares que se destacaram e por fim as consequências que cada uma trouxe ao cenário da guerra.

Assim sobre a tomada da importante Fortaleza de Humaitá Macedo explicou que

O plano foi realisado com felicidade. A 30 de julho, Osorio occupou, depois de vivo combate, Tuyucué; e, a 15 de agosto, os navios de Joaquim José Ignacio, que tinha a sua insígnia de almirante no couraçado Brasil, atravessaram gloriosamente o passo de Curupaity, resistindo ao fogo dos 22 canhões paraguayos que guarneciam as barrancas do rio. D'ahi por diante, uma serie de brilhantes victorias conduziu o exercito até Humaytá. Dois mil paraguayos, que seguiam de Humaytá para São Solano, foram cercados e derrotados a 3 de outubro; a 27 do mesmo mez, o general Menna Barreto occupou Potrero-Ovelha e Tahy. Os paraguayos, querendo romper o apertado cerco em que se viam, cahiram de improviso, e em numero de 7.000, sobre o segundo corpo de exercito que se achava em Tuyuty: logo na primeira investida, conseguiram derrotar os contingentes argentinos; mas o general brasileiro visconde de Porto Alegre repelliu-os, havendo elles

deixado quase dois mil cadáveres no campo de batalha (3 de novembro). (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 410)

O autor das *Lições* finalizando seus ensinamentos sobre a importância estratégica de Humaitá registrou que

Em 19 de fevereiro de 1868, a passagem de Humaytá, que era pelos paraguayos considerada como inexpugnável, foi forçada pela esquadra brasileira. Esta Victoria, que de algum modo decidiu da sorte da guerra, foi uma das mais importantes de toda a campanha. (MACEDO, 1907, p. 410-11)

Legimitando a ação do Exército aliado Macedo referiu-se ainda a chamada “dezembrada” como as “memoráveis batalhas de Itororó, Avahy, Lomas Valentinas e Angostura”. (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 395)

No Quadro Synoptico ao aluno cabe memorizar que o almirante brasileiro Joaquim José Ignacio foi responsável por “Forçar a passagem de Curupaity em 15 de agosto 1867 e Forçar a passagem de Humaytá em 19 de fevereiro 1868. (MACEDO, 1907, p. 413)

Interessante pontuar que Joaquim Manoel de Macedo ao elaborar as Perguntas referentes às batalhas ocorridas ao longo do conflito platino imprimiu outra característica a redação das mesmas; essas são formuladas de forma mais abrangente e que permite ao aluno expressar o conhecimento que sistematizou acerca do conteúdo.

Alguns exemplos das Perguntas que se referem a Batalhas:

Diga o que sabe sobre a batalha do Riachuelo.

[...]

Diga o que sabe sobre o combate de Iatahy.

[...]

Diga o que sabe sobre a batalha de Estero Bellaco.

[...]

Diga o que sabe sobre o assalto de Curuzu. (MACEDO, 1907, p. 407-8)

E, ainda: “Descreva a ‘passagem de Curupaity’”; e, “Descreva a segunda batalha de Tuyuty”. (MACEDO, 1907, p. 415). No que tange ao entendimento das fases da guerra organizou outra pergunta de caráter mais abrangente ao dirigir ao estudante a seguinte questão: “Qual a ideia geral que faz desta ultima parte da campanha?” (MACEDO, 1907, p. 422)

Além das batalhas outro ponto que recebeu destaque nas Lições de Macedo foi o que se refere aos comandantes militares e a realização de seus feitos. O então Marquês de Caxias é um exemplo dessa escrita da história que glorificou e perpetuou nomes e feitos militares.

Para Joaquim Manoel de Macedo o ingresso do Marquês de Caxias foi uma estratégia impar empregada pelo governo brasileiro:

O desastre de Curupaity veio agravar as dissensões que já existiam entre os chefes dos exercito aliados. Para salvar a situação, o governo imperial nomeou commandante geral das forças brasileiras o marquez de Caxias, sendo o commando da esquadra confiado ao chefe de esquadra Joaquim José Ignacio (depois visconde de Inhaúma). Caxias assumiu o commando a 28 de novembro de 1866, e dispôz-se a entrar em campanha, disciplinando e reconstituindo o exercito, agora accrescido de grande numero de voluntarios. (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 407-8)

Sobre o Marquês de Caxias o educando sistematiza através do Quadro Synoptico que o general brasileiro: “Assume o commando geral do exercito. 28 Novembro 1866. Começa a executar a celebre ‘marcha de flanco’. 22 Julho 1867. Entra em Assumpção. 5 janeiro 1869. Chega ao Rio de Janeiro. 15 Fevereiro 1869”. (MACEDO, 1907, p. 411)

E finaliza seu aprendizado sobre Caxias respondendo as seguintes questões:

Em que data assumiu Caxias o commando?

Que fez Caxias, assim que assumiu o commando?

Qual era seu plano? Que entende por ‘marcha de flanco’?

Quem teve, durante a marcha, a direcção geral das forças? (MACEDO, 1907, p. 415)

Se por um lado há uma construção historiográfica em torno dos heróis militares brasileiros, por outro a um esforço em execrar e diminuir as ações empreendidas pelos comandantes paraguaios; como já dito anteriormente Solano Lopez foi tanto ao longo da campanha como posteriormente tido como “ditador”, “sanguinário”, “autoritário” entre outros adjetivos pejorativos; e, para Macedo a ruína ao qual foi submetido o Paraguai deveu-se tão somente ao seu líder guarani como atesta o trecho a seguir:

Com a entrada dos exércitos aliados em Assumpção, estaria terminada a campanha, se Lopez, num esforço desesperado, não tentasse ainda hostilizar a acção do Brasil no Paraguay. Mas o dictador não se quis resignar a deixar o poder, e preferiu arruinar de todo o seu paiz e o seu povo. (grifo nosso). (MACEDO, 1907, p. 407-8)

Outra passagem que se revela complexa diz respeito a como Macedo explicou a morte de Solano Lopez e, o consequente fim da Guerra:

D'ahi por diante [após a Batalha de Campo Grande], começou uma verdadeira caçada... Varias expedições foram mandadas em procura de Lopez, que se ia internando pelo sertão, em companhia dos poucos soldados que lhe restavam. Esses restos de um exercito outr'ora poderoso foram ainda uma vez facilmente derrotados em Naranjahy (19 de outubro) pelo general Camara.

Por fim, este mesmo general surpreendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do arroio Aquidaban, perto da fronteira de Matto Grosso. Ahi morreu o dictador do Paraguay, a 1 de março de 1870. (MACEDO, 1907, p. 418)

Macedo completou sua explicação acerca desse episódio utilizando-se de uma citação do general Câmara:

Assim refere o general Camara esse episodio final da campanha do Paraguay:

“Lopez, abandonando-se á fuga, lançou-se para o interior do matto, até que ferido, desanimado, exausto, apeando-se do seu Cavallo, dirigiu-se para aquella arroio que tentou transpor, cahindo de joelhos na barranca opposta. Foi nesta posição que, tendo-me apeiado e seguido em seu encalço, o encontrei. Intimei-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que general que commandava aquellas forças lhe garantia os restos de vida. Respondeu-me atirando um golpe de espada. Ordenei então a um soldado que o desarmasse, acto que foi executado ao tempo em que exhalava elle o ultimo suspiro.”

Tal foi desfecho da longa lucta, que durou mais de cinco annos. (MACEDO, 1907, p. 418-19)

Encerrou a Lição XLVI explicando a seus alunos que já a época da morte de Solano Lopez governava

[...] o Paraguay uma junta provisória, organizada em Assumpção pelo diplomata brasileiro Silva Paranhos, visconde do Rio Branco. E, a 7 de maio de 1870, concluiu-se em Buenos Aires um tratado de paz entre as nações alliadas e a republica vencida. (MACEDO, 1907, p. 419)

Acerca desses dois últimos assuntos o aluno respondia as seguintes questões:

Em que dia e onde foram os restos do exercito de Lopez derrotados pelo general Camara?

Onde foi o dictador sorprendido por esse general?

Diga o que sabe acerca da morte de Lopez.

Quem organisou em Assumpção o governo provisório do Paraguay?

Quando e onde foi assignado o tratado de paz? (MACEDO, 1907, p. 422-3)

Joaquim Macedo encerra seus ensinamentos sobre a Guerra do Paraguai com a Lição XLVII (Da terminação da Guerra do Paraguay até a ultima regencia da Princesa D. Isabel), no qual de forma sintética apontou que o Império brasileiro viveu um

período de paz após a Guerra do Paraguai tendo enfrentado apenas a “Questão Religiosa”.

Sendo as *Lições de História do Brasil* de Joaquim Manoel de Macedo um Livro Didático escrito para ser usado no processo de ensino aprendizagem juntamente aos alunos do Colégio Pedro II, e tendo em vista que no “Brasil, sob influência do pensamento liberal francês e no bojo do movimento regencial, após a Independência de 1822, estruturou-se no Município do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II [...]” (NADAI, 1992-1993, pp. 145-6), que juntamente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) funcionaram como locais dos quais se produziram e irradiaram a cultura e o conhecimento produzido no período, cabe refletir após o exposto quais os ensinamentos foram transmitidos aos educandos sobre a Guerra do Paraguai.

Duas questões são pertinentes para essas reflexões finais:

- 1) As imagens que os alunos introjetaram relacionadas ao Paraguai, a Guerra do Paraguai e ao Exército brasileiro.
- 2) A ideia que os educandos elaboram acerca da história enquanto disciplina escolar.

Embora Macedo tenha legado um método para o ensino de História como analisado por Gasparello (2004) a maneira como estruturou sua explicação sobre a Guerra do Paraguai – objeto dessa reflexão -, herdou para os educandos a ideia de um Paraguai como um país atrasado, governado por um “ditador, tirano e sanguinário” e, que nessa perspectiva restava ao Império brasileiro a missão de resgatar a nação guarani do estado de barbárie na qual se encontrava.

Ainda de acordo com Macedo tal missão teria sido desempenhada com louvor pelos comandantes do Exército aliado, sobretudo os militares brasileiros; as ideias propagadas por Macedo e outros autores de Livros Didáticos contemporâneos legaram imagens negativas e anacrônicas acerca do Paraguai que subsistiram até meados da década de 1980; inúmeras foram as gerações de educandos que estudaram o Paraguai e a Guerra a partir dessas representações.

Do mesmo modo a formatação das *Lições* de Macedo fortaleceu a ideia de um ensino de história focado em datas, marcos, personagens, acontecimentos, heróis, fatos

etc, e centralizou o processo de ensino aprendizagem no professor exigindo do aluno apenas o exercício de memorização.

Foi esta tradição que levou os alunos a “devotarem ódio” a história, conforme explicitado por Murilo Mendes (NADAI, 1992-1993, p. 143), ódio este que perpassou gerações de estudantes que não compreenderam a história como algo significativo e tampouco que os levassem a se enxergarem como sujeitos históricos.

A Guerra do Paraguai foi mais um dos assuntos relacionados à história nacional brasileira que esteve nos Livros Didáticos exposto a essa prática histórica e, por isso configura-se como mais um dos temas que merece ser melhor explorado e abordado pela historiografia brasileira visando uma melhor compreensão desse passado histórico que se relaciona a construção das nações latino-americanas, assim como a questões identitárias que se forjou em cada nação que se envolveu nesse conflito.

Vale elencar ainda que a leitura crítica da abordagem sobre a Guerra do Paraguai permite compreender também os processos educacionais que se estabeleceram entre fins do XIX e meados do século XX destacando-se o entendimento relacionado à elaboração dos Livros Didáticos de História; tal exercício pode auxiliar na elaboração de um saber e fazer histórico significativo tanto para o educador como para o educando e, a obra *Lições de Historia do Brasil* de Joaquim Manoel de Macedo configura-se como um referencial para tal exercício.

BILIOGRAFIA

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*.

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação)

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de Identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de História do Brasil*. Décima Edição completada de 1823 a 1905 por Olavo Bilac. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1907.

MORAES, Dicâmor; TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *História do Brasil para o segundo ano colegial*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25-26, pp. 143-162, set. 92-ago. 93.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora UFGD, 2009.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande. 2. ed. UCDB, 2003.

_____. *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros – PNLD 2011. *Diálogos*, v. 15, n. 1, p. 19-39, 2011.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle Taunay. *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. Tradução e Organização de Sérgio Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil).